

Petrus de Alvernia, Quaestiones Super I-VIII Libros Politicorum. A Critical Edition and Study by Marco Toste, (Leuven/Louvain: Leuven University Press, Ancient and Medieval Philosophy Series 1: LXI, 2022). ISBN: 978-94-6270-318-6. 902 pp. DOI: 10.11116/9789462703186

Várias razões nos compelem a considerar a publicação desta obra, na *Revista Filosófica de Coimbra*, como um acontecimento maior e único. A primeira, por se tratar de uma minuciosa e soberba edição crítica de um texto filosófico assaz importante; uma edição crítica é, nos tempos de escassez, penúria e superficialidade em que vivemos, um motivo de celebração intelectual, posto que assinala a sobrevivência da arte filológica, a única que nos pode restituir os textos mais antigos ou mais próximos da mão dos seus autores. A segunda, pelo facto de concitarmos Pedro de Auvergne (c.1240-1304), Aristóteles, e a *Política* deste, uma trindade que, como a seu tempo direi, tem para os estudiosos de todos os tempos uma importância insofismável. Em terceiro lugar, pelo nome e figura do editor deste monumental trabalho, de mais de 900 páginas! É com indisfarçável orgulho que nos alegramos e honramos de dizer que o editor do comentário aos livros da *Política* de Aristóteles, por Pedro de Auvergne, o investigador Marco Toste é um ilustre investigador da Unidade de Investigação & Desenvolvimento “Instituto de Estudos Filosóficos” (IEF) com sede na nossa Faculdade de Letras. Mais ainda: e ficamos assim a contar com uma quarta e quinta razões para a nossa consideração inicial: tanto quanto sabemos, estamos perante o primeiro português a entrar na prestigiada primeira liga internacional filosófica editorial que, a partir do prestigiado Centro De Wulf-Mansion (KUL), marca periodicamente a reconstrução europeia na quota-parte da sua memória textual. Não deveria ser indiferente para a cultura filosófica nacional o facto de o editor ter recebido o superior acolhimento daquele centro belga. O signatário desta recensão rejubila em particular, embora subjetivamente, com esta conjugação, pois também ele, tendo sido convidado pelo saudoso Raymond Macken para a integrar, há muitos anos já, soçobrou perante tamanha responsabilidade e o imperativo de alguma limitação que a aceitação acarretaria a uma carreira universitária, agora no seu final. O doutor Marco Toste redime, assim, esta memória infausta e lamentosa, e fá-lo com um brilho e uma persistência deveras impossível para o pobre autor da presente recensão. Bem-haja, pois, e parabéns ao jovem Doutor Marco Toste, pelo seu testemunho de coragem. Temos notícia de que a publicação que ora apresentamos aos especialistas mais exigentes coroa um labor com cerca (ou até mais) de vinte anos e a minúcia que a edição crítica revela, a profundidade e o rigor do seu difícil trabalho filológico (pp. 342-833), os estudos lidos e meditados (pp. 835-866) ou, por fim, a acuidade da interpretação e respetiva escrita (pp. 1-337) são o mais expressivo e inequívoco sinal de tantos anos de dedicação, inteligência, persistência e entusiasmo intelectual que a atribuição do grau de doutor em filosofia, finalmente, acabou por merecidamente culminar. Num horizonte pós-Bolonha, este vastíssimo e seguríssimo trabalho pare-

ce representar já um grito vindo de longe, o eco de um tempo em que os homens e as mulheres que habitavam o intelecto e a história usufruíam do prazer seguro da lentidão constantemente meditada e largamente ensinante. Os textos críticos das *Petri de Alvernia 'Quaestiones Super I-VII libros Politicorum'* (pp. 341-727) e das *Petri de Alvernia 'Quaestiones super I-III libros Politicorum. Reportatio'* (pp.729-833), ocupam, naturalmente, o grosso do volume, e apresentam-se-nos como um labor praticamente impoluto e incólume, obedecendo às mais exigentes regras da filologia crítica consagradas pelas mais severas escolas editoriais europeias. Avaliámos esta colossal tarefa à luz da escola de Lovaina, a que melhor conhecemos (distinta, v.g. da de Coimbra, cujo tirocínio tivemos a oportunidade de frequentar sob a batuta de José Galdes Freire), mas a nossa admiração crescia à medida do exame, e em particular da inspeção dos aparatos críticos, minuciosos, precisos e exaustivos. O editor, Marco Toste, apoiou-se na autoridade de George Rigg, e deixou devidamente exarados os critérios de que se serviu para a conceção desta obra monumental (pp. 323-337), além de nos brindar com requintadíssimos índices e bibliografias de acordo com as mais corretas regras (pp. 835-902). No mais, o volume é precedido por um erudito trabalho, doravante indispensável para o conhecimento da história da filosofia política do período e do autor, debruçado sobre os seguintes itens ou dilucidando discussões: autoria (pp. 49-117); datação, apontando para a maturidade (c.1291-1296) de Pedro de Auvergne (pp. 119-143); exame das várias relações entre os textos editados, i.e., as *Quaestiones* propriamente ditas e um comentário anónimo – sempre identificado Manuscrito B – apenas referentes a três livros da *Política*, mas com patente afinidade com aquelas (pp.145-197); fontes, de Aristóteles a Henrique de Gand, passando naturalmente por Tomás de Aquino e Egídeo de Roma (pp. 195-221); estrutura dos sete livros (pp. 223-311); receção desta precisa obra do antigo reitor da Faculdade das Artes da Universidade de Paris e futuro bispo de Clermont (pp. 313-321); apresentação dos princípios editoriais (pp. 323-337). Seria difícil, para não dizer, também, maçador, para o leitor e a leitora mais comuns, uma apresentação mais pormenorizada deste fantástico e nunca por demais aclamado trabalho de Marco Toste. Eis-nos perante um investigador exemplar e uma autoridade europeia no pensamento político medieval e aristotélico em particular. Sendo embora certo que a *Política* do Estagirita nunca concitou a atração, v.g. da *Metafísica* ou da *Física*, e foi bastante preterida pela *Ética*, devemos ao “Aristoteles Latinus”, no campo da ciência política, a mais segura e duradoura terminologia que comparece ainda como um dos pilares da nossa discursividade. Talvez este argumento, para o mais leigo de entre nós, baste, a fim de lhe apresentar a importância inegável desta edição crítica. Para os demais, i.e., para aqueles que se recusam a pensar as urgências e os desafios presentes arrimados no longo devir de que se sentem estuário de uma história passada e enseada de um porvir cujo lusco-fusco ainda não autoriza uma segura navegação, fica o apelo para uma obrigatória consulta a esta extraordinária obra sempre que quiserem ou estudar a história da filosofia política medieval ou a contribuição (me-

nos conhecida) para a mesma, por Pedro de Auvergne, que defendeu a autonomia do político. Independência de espírito, coerência, sistematicidade na interpretação e esforço de cientificidade são notas que julguei vislumbrar comumente partilhadas por Pedro de Auvergne e por Marco Toste.

Mário Santiago de Carvalho

Universidade de Coimbra

Faculdade de Letras –DFCI

Unidade I&D: IEF

Email: carvalhomario07@gmail.com

ORCID: 0000-0002-8257-9962

DOI: https://doi.org/10.14195/0872-0851_64_17